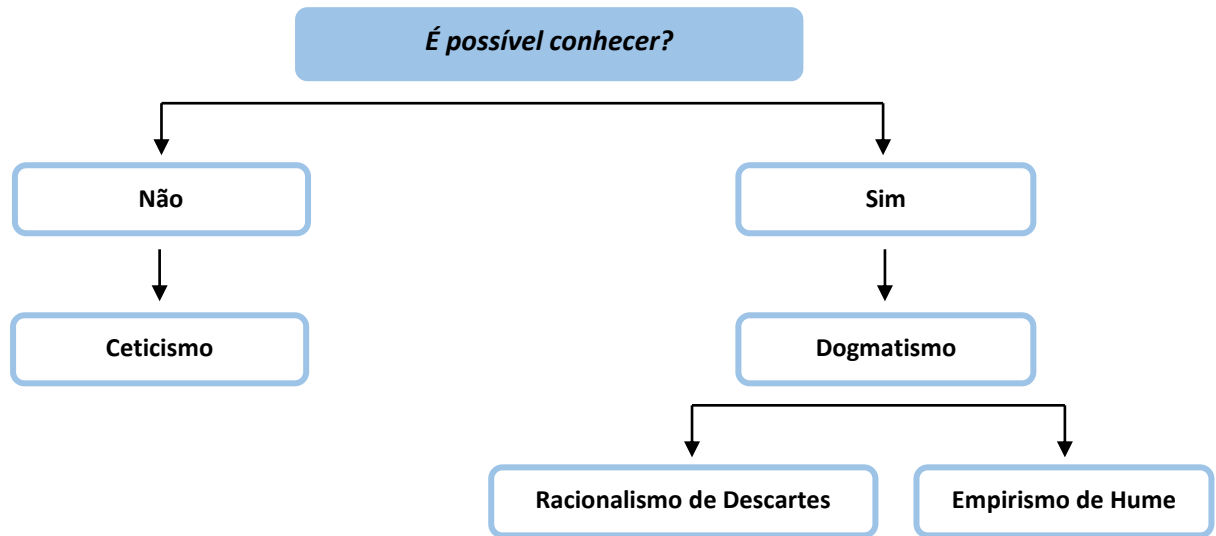


Epistemologia



Ceticismo

Tese: não podemos afirmar que temos conhecimento, porque nenhuma fonte de justificação das nossas crenças é satisfatória, seja ela a razão ou a experiência (devemos duvidar e suspender o juízo – *epoché*)

A suspensão do juízo conduz à *ataraxia (estado de imperturbabilidade)*

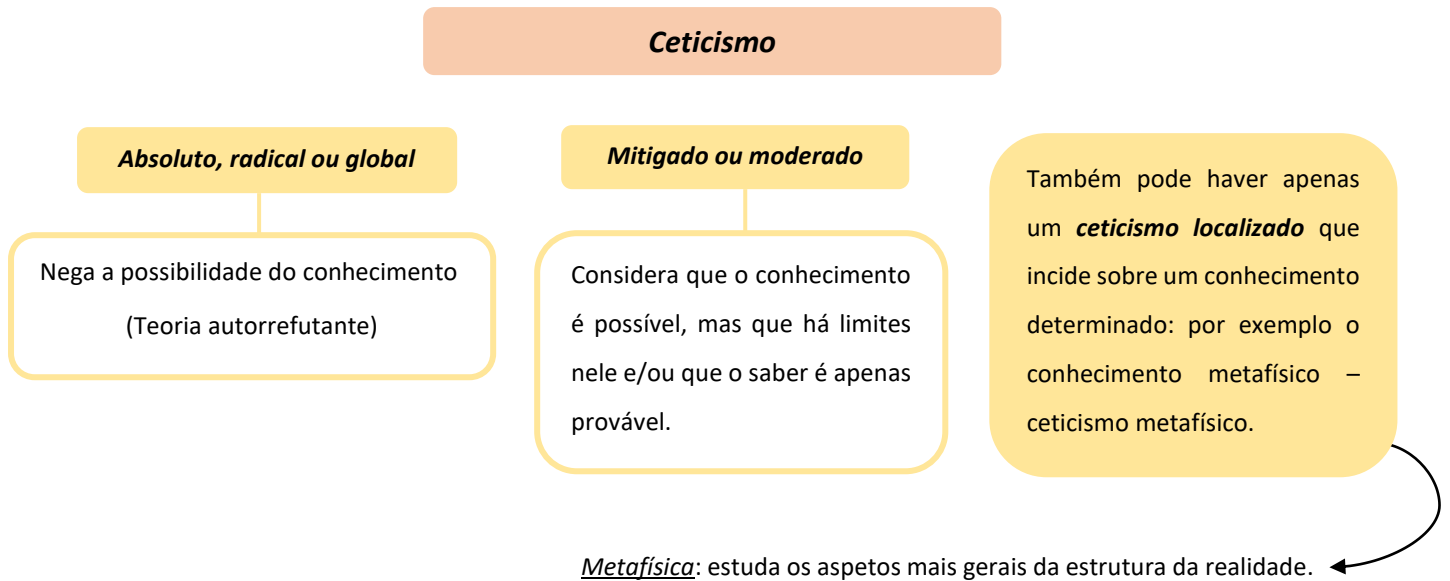
Argumento da divergência de opiniões: Se fosse possível justificar as nossas crenças, não haveria lugar para divergência de opinião. Há divergências de opinião. Logo é impossível justificar as nossas crenças.

Argumento da ilusão: Tudo o que é uma fonte de justificação segura do conhecimento não nos engana. Os sentidos enganam-nos. Logo os sentidos não são uma fonte de justificação segura de conhecimento.

Argumento da regressão infinita da justificação: Como justificação de qualquer crença é inferida de outras crenças dá-se uma regressão infinita. Se há uma regressão infinita as nossas crenças não estão justificadas. Logo as nossas crenças não estão justificadas.

Em síntese, estes três principais argumentos dos cétricos provam que nenhuma justificação é adequada para mostrar que não estamos enganados quando julgamos conhecer alguma coisa. Ou seja, não temos crenças justificadas e, por isso, não temos conhecimento.

Nota: O ceticismo pode ser encarado como uma corrente filosófica que nega a possibilidade do conhecimento ou como uma atitude de desafio, questionamento, investigação e exame. Assim podemos considerar a existência de diferentes tipos de ceticismo.



Racionalismo de Descartes

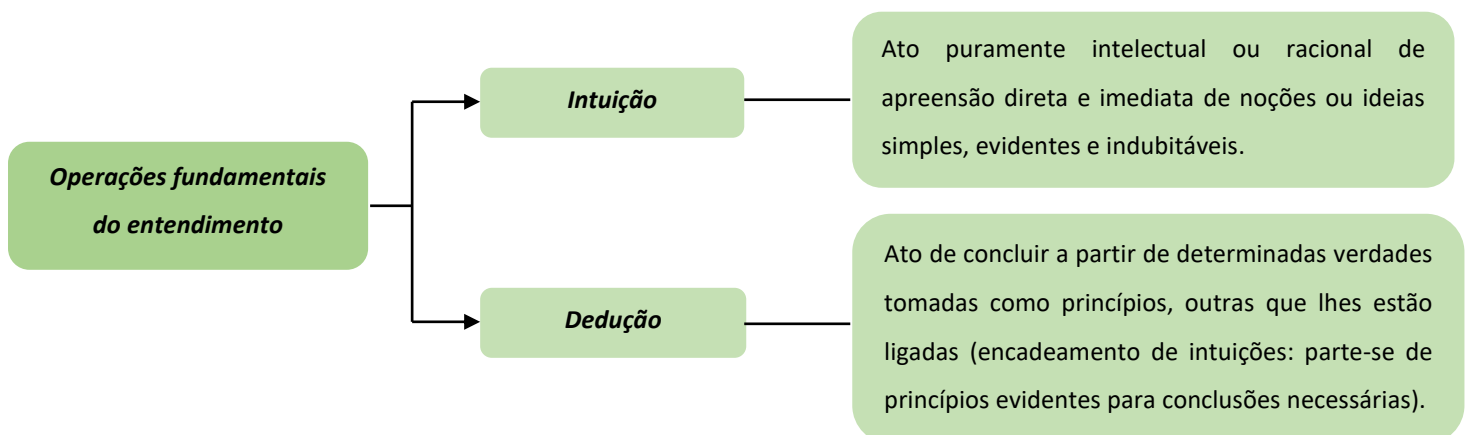
Tese: o conhecimento é possível e a razão é a principal fonte de justificação das nossas crenças



Assim descartes foi um **fundacionalista racional** que pretendeu mostrar que o conhecimento é possível e que, conseqüentemente, os céticos radicais não têm razão e os seus argumentos devem ser abandonados.



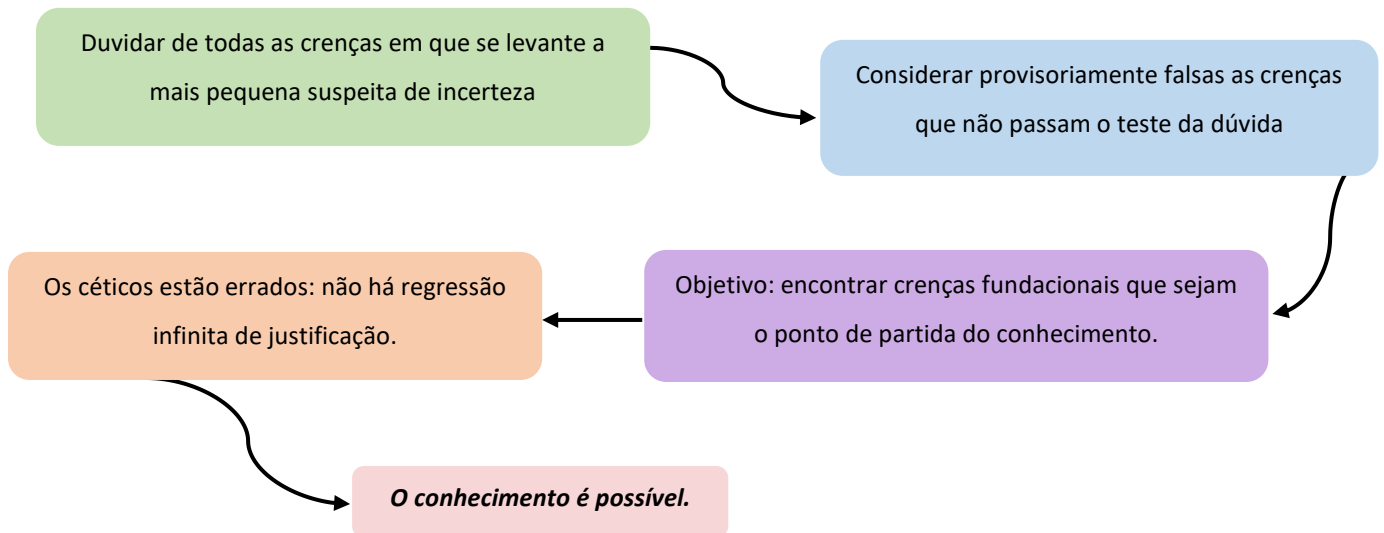
Descartes considera também que o método deve guiar o espírito no exercício das duas **operações fundamentais do entendimento**. Este **método** deve ainda seguir determinadas regras/etapas (**evidência, análise, síntese, enumeração e revisão**).



Dúvida metódica:

Para provar a possibilidade do conhecimento Descartes considera que todas as crenças devem ser submetidas à dúvida, ou seja, a dúvida deve ser utilizada como instrumento ao serviço da verdade e da justificação das nossas crenças. Assim, esta dúvida metódica recusa ou toma como falsas todas as crenças em relação às quais se levante a mínima suspeita de dúvida/incerteza.

Descartes considera que o conhecimento é incompatível com a possibilidade de erro (*perspetiva infalibilista*), as justificações para as nossas crenças têm de garantir a sua verdade. Se alguma crença resistir à dúvida poderá ser a base ou fundamento para outras crenças. Estas crenças fundacionais/ básicas permitem evitar o argumento céptico da regressão infinita da justificação.



Razões para duvidar:

- ✓ **Ilusões e enganamentos dos sentidos:** os sentidos por vezes enganam-nos e é prudente nunca confiar naqueles que nos enganaram mesmo que só uma vez
- ✓ **Falta de critério para distinguir o sonho da vigília:** dado que podemos não saber se estamos a sonhar, não temos justificação para acreditar que estamos acordados. Assim, não sabemos se as nossas perceções sensíveis são ou não ilusórias.
- ✓ **Enganos e erros de raciocínio:** os seres humanos enganam-se e cometem erros ao raciocinar.
- ✓ **Hipótese de existência de um deus enganador ou génio maligno:** pode existir um ser poderoso que faz com que estejamos sempre enganados no que toca às verdades e demonstrações matemáticas, às crenças sobre objetos físicos e à própria existência do mundo exterior.

Características da dúvida cartesiana:

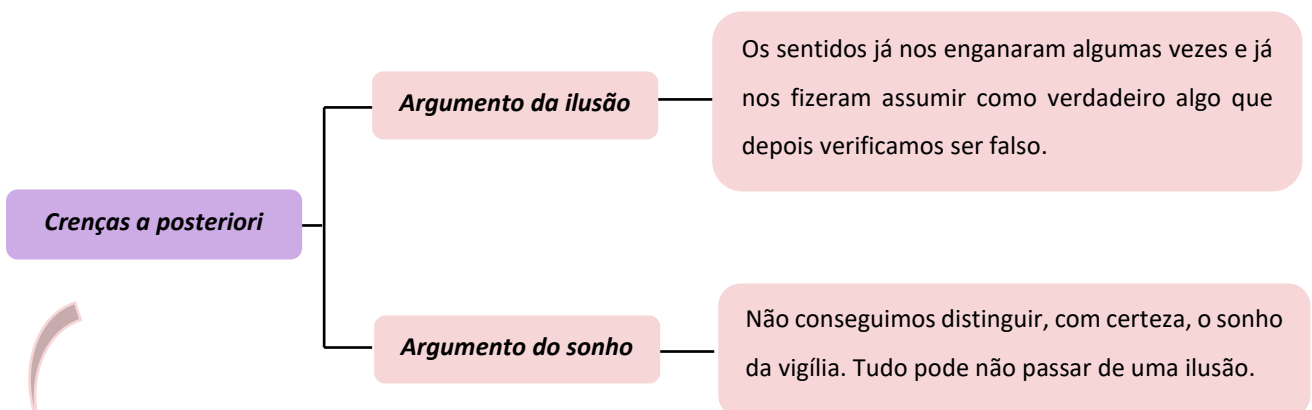
- ✓ **Metódica e provisória:** é um instrumento da razão para evitar o erro, ou seja, um meio para atingir de modo organizado um conhecimento certo, seguro e verdadeiro, não constituindo um fim em si mesmo, mantém-se apenas até se descobrir algo indubitável.
- ✓ **Universal e radical:** incide sobre todas as nossas crenças quer sejam à priori ou à posteriori e coloca em questão a possibilidade de construir o conhecimento – “as faculdades do conhecimento são colocadas em causa”.
- ✓ **Hiperbólica:** é uma dúvida exagerada/levada ao extremo. Considera como falso tudo aquilo que for meramente duvidoso ou em que se note a mínima suspeita de incerteza.
- ✓ **Voluntária:** não é uma dúvida sofrida em termos psicológicos, mas sim artificial e estabelecida livremente.

Nota: a dúvida cartesiana possui uma **função catártica**, liberta o espírito/ razão/ entendimento dos erros que o podem perturbar ao longo do processo de procura da verdade. Permite que nos libertemos dos juízos precipitados que formulámos ao longo da vida, das opiniões erróneas, da confiança cega nas informações dos sentidos, da tradição e da autoridade.



Submeter todas as nossas crenças ao teste da dúvida metódica seria uma tarefa interminável. Logo Descartes decide analisar apenas os **princípios fundamentais** de cada um dos domínios do conhecimento. Se estes princípios forem falsos as crenças que neles se baseiam são rejeitadas.

Crenças a posteriori e crenças à priori:



Ao submeter as crenças a posteriori ao teste da dúvida Descartes confirma e aceita o argumento cético da ilusão e o argumento do sonho. Concluindo assim que devemos ser cautelosos ao confiar na experiência sensorial como fonte de verdade ou de justificação das nossas crenças e que **as crenças a posteriori não podem ser o fundamento do conhecimento uma vez que não são indubitáveis.**

Crenças a priori

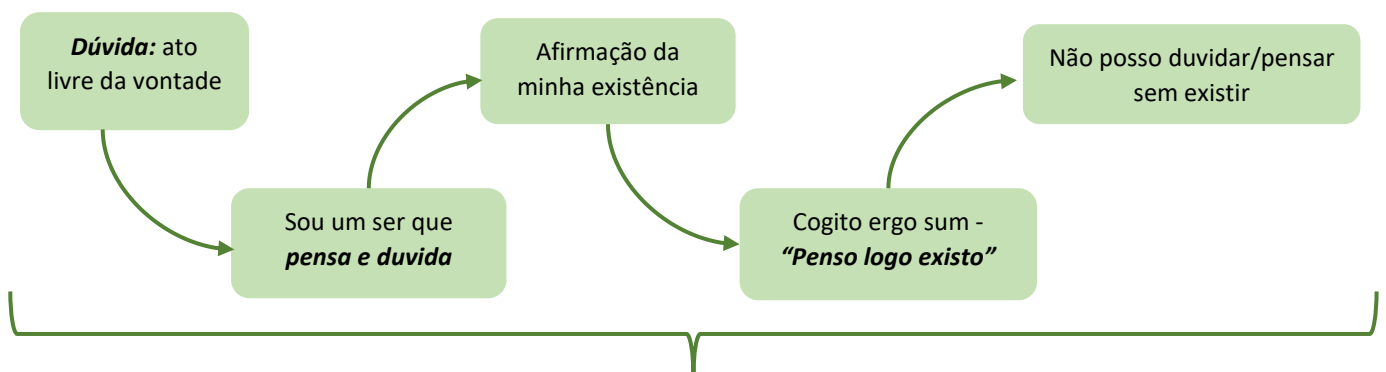
Hipótese do génio maligno

Hipótese da existência de um deus enganador que se diverte em manipular sistematicamente os nossos pensamentos e leva-nos a acreditar que são verdadeiras proposições que podem ser falsas.

Ao submeter as crenças a priori ao teste da dúvida Descartes considera a possibilidade de existência de um génio maligno. Apesar de Descartes não afirmar a real existência deste génio maligno, a simples hipótese da sua existência **impede as crenças a priori de passarem no teste da dúvida metódica**.

Foi através desta submissão das crenças ao teste da dúvida que **Descartes derrubou o edifício do conhecimento**.

Da dúvida ao cogito:



É através da dúvida que Descartes chega à primeira verdade “penso, logo existo”. Assim, é a clareza e distinção do cogito que provam a existência de um ser pensante (*res cogitans*).

O cogito cartesiano é uma:

- ✓ **Crença fundacional, autojustificada e indubitável** que refuta o argumento da regressão infinita da justificação;
- ✓ **Verdade racional e a priori** descoberta por **intuição racional** e por dedução;
- ✓ **Ideia evidente clara e distinta**;
- ✓ **Substância pensante** (*res cogitans*), **distinta e independente** da existência do corpo (*res extensa*). A distinção alma-corpo é uma verdade descoberta por dedução a partir do cogito.

Nota: o **critério da verdade** consiste na **clareza e distinção** das ideias, ou seja, na **evidência**. A clareza diz respeito à presença de uma ideia que a mente considera com atenção, já a distinção equivale à separação de uma ideia relativamente a outras, de modo a que ela não contenha elementos que não lhe pertencem. Assim, o critério da clareza e da distinção permite distinguir as ideias verdadeiras das falsas.

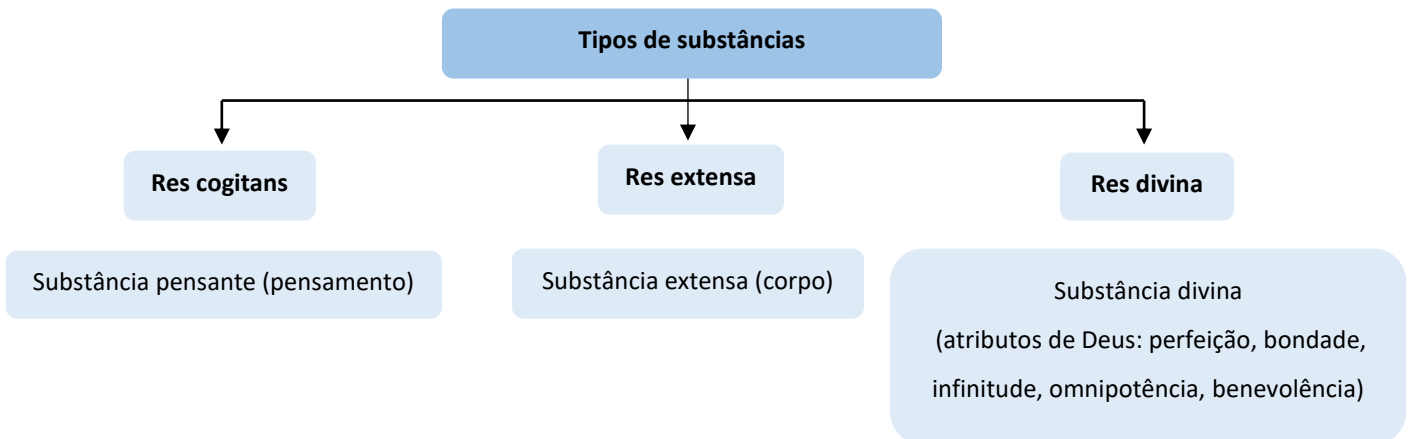
Do cogito a Deus:

O **cogito** não é suficiente para garantir a existência do **corpo** ou de um mundo exterior e independente do pensamento.

Embora tendo um critério de verdade, o sujeito pensante limitado e imperfeito é incapaz por si só de garantir a verdade objetiva daquilo que pensou com clareza e distinção.

Não afastamento hipótese de existência de um gênio maligno.

Tudo isto faz com que seja necessário demonstrar a **existência de um deus** que não nos engane, ultrapassando o solipsismo e quaisquer ameaças do ceticismo radical.



Argumento ontológico:

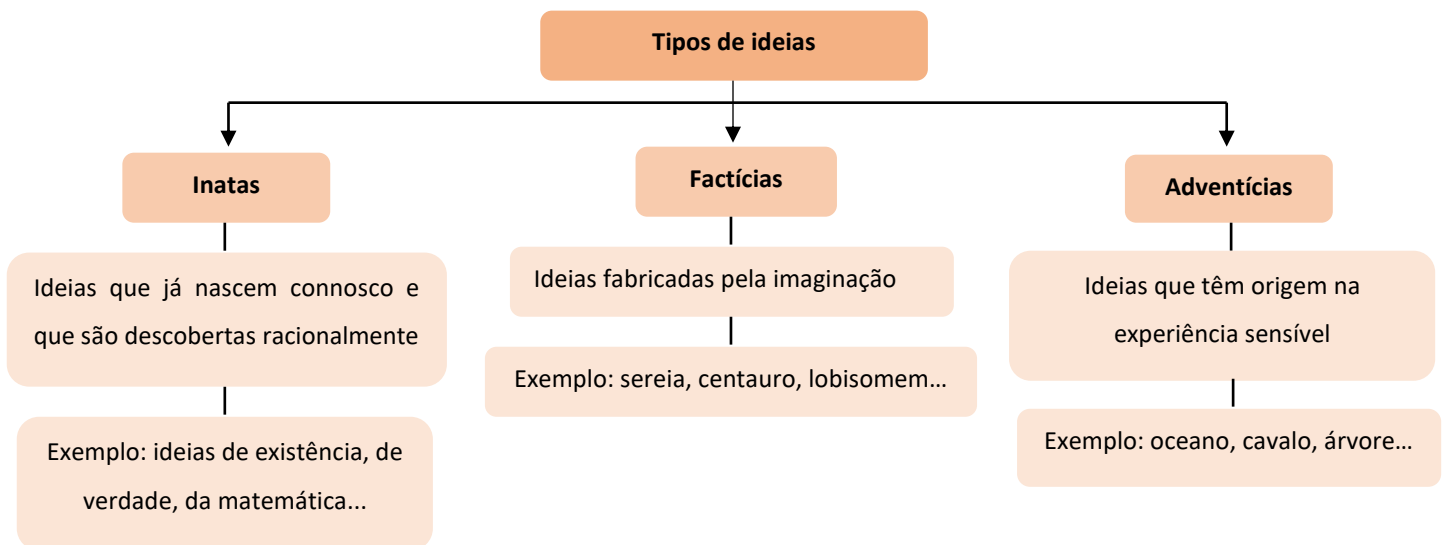
O argumento ontológico é um argumento **a priori** que afirma que se Deus é um ser perfeito, é de sua natureza possuir todas as perfeições concebíveis, entre estas, a da existência, sem a qual não seria um ser perfeito (a propriedade de existir é algo que um ser perfeito não pode deixar de ter, pois se não existisse não era perfeito). Assim a existência de Deus é a conclusão necessária de ser perfeito (a existência de Deus é necessária porque a sua existência está contida necessariamente na sua essência: Deus é e existe).

Argumento da marca de impressa

O cogito é uma substância pensante que duvida e, por isso mesmo, imperfeita e limitada. Para se reconhecer como imperfeito, tem de ter em si a ideia de perfeição, com a qual se compara. **Mas qual é a origem desta ideia de perfeição?**

Esta ideia não pode ter sido adquirida pelos **sentidos (ideia adventícia)** pois nada que alguma vez se tenha observado é perfeito. Também não pode ter sido uma **invenção (ideia factícia)** pois um ser imperfeito não pode ser a causa de uma ideia que o ultrapassa. Assim, a ideia de perfeição é uma **ideia inata** colocada na mente por um ser perfeito, Deus, que a deixou como a marca de um artista impressa na sua obra.

Assim o argumento da marca impressa é um **argumento a posteriori** que se baseia no princípio de causalidade aplicado às ideias que existem no nosso espírito: enquanto ser imperfeito e finito Descartes não pode ser a causa da ideia de uma substância perfeita e infinita, logo só o ser absoluto é causa da ideia de perfeição que encontrou no seu pensamento.



Argumento da causa da existência do cogito

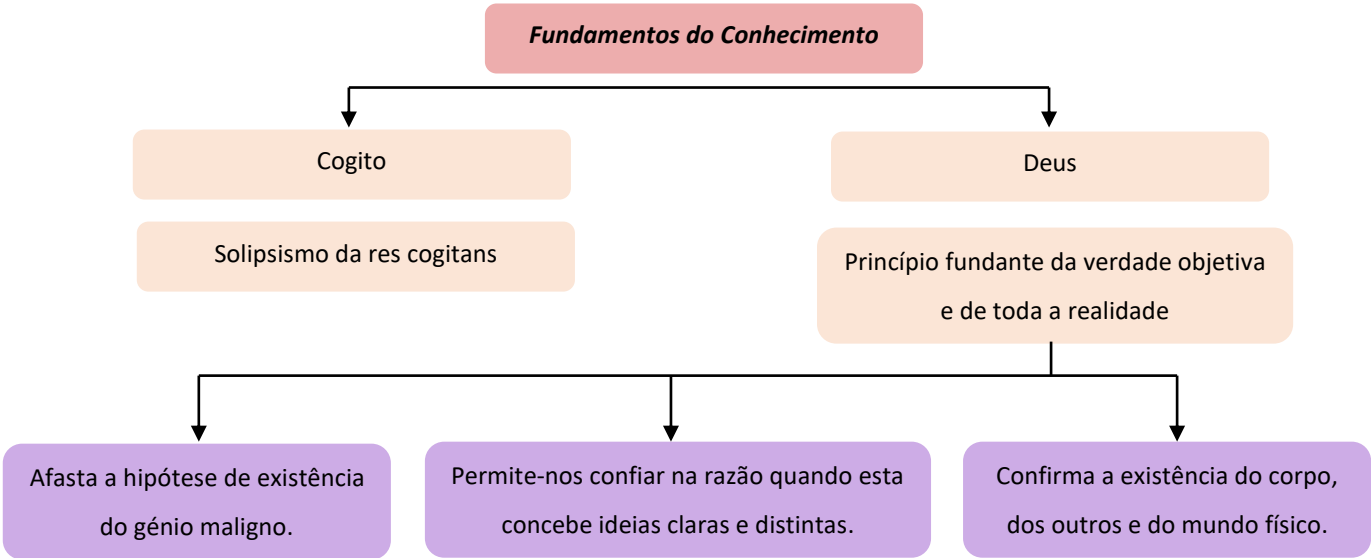
Argumento **a posteriori** que afirma que por ser um ser imperfeito, finito e contingente o cogito não pode ser a causa de si mesmo. Se existe é porque um ser superior o conserva. Assim, conclui-se que Deus existe e é a causa criadora e conservadora da existência do cogito. Para além disso, Deus existe por si e não depende de nenhuma outra causa (é **causa sui**).

Deus como princípio fundante de toda a verdade e realidade:

Após provar a existência do cogito Descartes ficou preso ao **solipsismo** (a um sujeito isolado que pensa e às suas ideias), não podendo provar, por isso, que os outros existem, que tem um corpo e que existe um mundo exterior. Contudo, as provas a favor da **existência Deus** resolveram este problema, pois se Deus existe, então além do cogito/pensamento, também existe um ser divino, quebrando-se assim o **solipsismo**, a clausura em que o cogito estava mergulhado.

A **existência de Deus** também afasta definitivamente a hipótese do **gênio maligno**, pois se Deus existe e é perfeito, não pode ser enganador. Desta forma Deus é a garantia de tudo aquilo que concebemos clara e distintamente e o princípio fundante de toda a verdade objetiva e de toda a realidade, permitindo-nos confiar na razão.

Assim, **cogito e Deus são duas crenças fundacionais** para a reconstrução do edifício do conhecimento certo, seguro e inabalável, e a **razão** é a principal fonte de descoberta de verdades objetivas.



Importância de Deus no sistema cartesiano

É um ser perfeito bom e não é enganador

É infinito e a fonte de toda a verdade

É o princípio do ser e da verdade

É o criador das verdades eternas a origem do ser e o fundamento da certeza

Embora criador do universo, não é autor do mal nem responsável pelos nossos erros
(o ser humano tem livre-arbítrio)

É a garantia da verdade das ideias claras e distintas

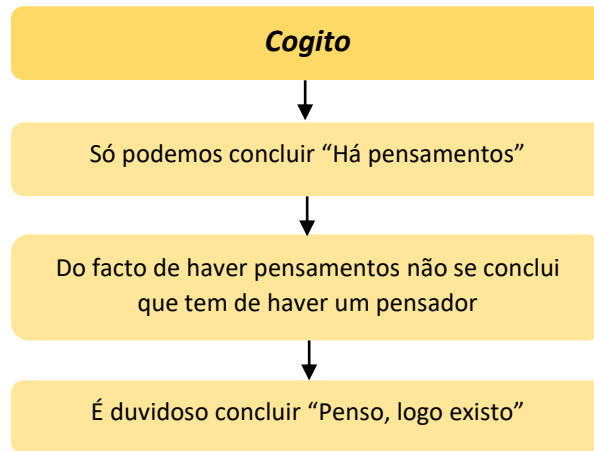
Confere valor à crença e objetividade ao conhecimento

Provada a existência de Deus, Descartes irá deduzir muitas verdades, provando a existência do corpo e de um mundo exterior

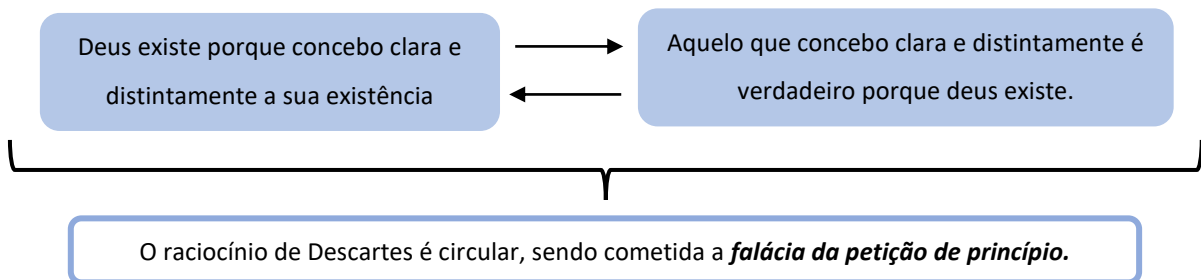
Será agora possível construir o edifício do conhecimento e superar todos os argumentos céticos radicais

Críticas a Descartes:

O argumento do cogito é duvidoso



Círculo cartesiano



Nota: também podem ser feitas **objeções ao dualismo cartesiano**, devido à dificuldade de Descartes em explicar a interação da alma e do corpo, **e à ideia de ser perfeito**, esta ideia pode não ter sido causada por um ser perfeito e Descartes pode estar a ser enganado pelo génio maligno.